



VENEZUELA

Ministério Público solicita e máxima Corte de Justiça determina a captura do líder opositor que se proclamou vencedor das eleições de 28 de julho. Procuradoria acusa ex-diplomata de usurpação de funções e conspiração, entre outros crimes

Tribunal ordena prisão de Edmundo González

» RODRIGO CRAVEIRO

Yuri Cortez/AFP



María Corina Machado e Edmundo González durante manifestação, em Caracas: presidenciável ignorou convocações do MP

Em questão de minutos, o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) da Venezuela acatou o pedido do Ministério Público e emitiu, por volta das 19h15 (20h15 em Brasília), a ordem de prisão contra o líder opositor Edmundo González Urrutia, que se proclamou vencedor das eleições de 28 de julho. “O tribunal de primeira instância em funções de controle a nível nacional concorda com a ordem de apreensão contra Edmundo González Urrutia por graves crimes”, escreveu o Ministério Público em sua conta no Instagram, minutos depois de anunciar que solicitava a prisão.

A Procuradoria da Venezuela, dirigida por Tarek William Saab, acusou Edmundo González pelos crimes de usurpação de funções, falsificação de documentos públicos, instigação à desobediência das leis, conspiração, sabotagem e danos de sistemas e associação para delinquir.

González Urrutia, 75 anos, foi convocado a depor no MP em três ocasiões. Não compareceu a nenhuma delas, embora a terceira tenha coincidido com um apagão em todo o país na última sexta-feira, 30 de agosto. O diplomata — em clandestinidade desde 30 de julho — argumentou que o órgão estava atuando como um “acusador político”, que o submeteria a um processo “sem garantias de independência e do devido processo”.

Maduro pediu que González Urrutia e a líder da oposição María Corina Machado, também em clandestinidade, fossem presos. O presidente os responsabiliza por atos de violência nas manifestações pós-eleições que resultaram em 27 mortes — dois deles de militares —, quase 200 feridos e mais de 2.400 detidos.

Insurreição

Tarek William Saab tinha anunciado uma investigação criminal contra ambos por “incitação à insurreição” militar, após um apelo aos militares para que reconhecessem a vitória de González Urrutia. Até o fechamento desta edição, não havia informação sobre o paradeiro

de Edmundo González.

Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), Jose Vicente Carrasquero Aumaitre classificou o pedido de prisão de Edmundo González como “a crônica de uma morte anunciada”. “O fato de ele não ter atendido a reiteradas convocações do Ministério Público abriu caminho para a solicitação e a ordem de captura. A cúpula do regime de Nicolás Maduro deseja fazer todo o possível para tirar Edmundo do jogo e pressioná-lo para que peça asilo em uma embaixada ou abandone a Venezuela”, explicou ao **Correio**.

Para Aumaitre, Maduro tenta prender alguém que venceu as eleições

presidenciais. “O pedido do Ministério Público é bastante questionável. Acusaram Edmundo González de usurpar funções por ter publicado as atas de apuração, que não foram divulgadas pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). Depois, afirmaram que as atas foram falsificadas”, disse. O estudioso da UCV entende que, ao citar os crimes de sabotagem e danos de sistema no pedido de prisão, o regime de Maduro acusa Edmundo González pelo blecaute nacional de 30 de julho. “É todo um aparato montado para justificar a prisão do candidato e presidente eleito da Venezuela”, acrescentou.

Aumaitre vê um comportamento de “Estado terrorista”. “Isso tem a finalidade de seguir amedrontando toda a cúpula opositora e todas as pessoas que votaram por González Urrutia. Insisto que me parece uma tentativa de forçar uma fuga do país. Sem Edmundo no território venezuelano, seria mais fácil para Maduro se manter no poder”, comentou. Ele fez questão de tachar como “vergonhosa” a posição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Lula deu declarações segundo as quais ele parecia entender que Maduro não ganharia as eleições. Posições ambivalentes não ajudam a causa venezuelana.”

Aeronave confiscada

A Venezuela tachou de “pirataria” o confisco pelas autoridades americanas de um avião usado por Maduro, segundo um comunicado do Ministério das Relações Exteriores. “A Venezuela denuncia, perante a comunidade internacional, que, mais uma vez, as autoridades dos Estados Unidos da América, em uma prática criminosa recorrente, que não pode ser qualificada de outra coisa que não seja pirataria, confiscou ilegalmente uma aeronave que vinha sendo utilizada pelo presidente da República”, assinalou o texto. “Essa ação revela que nenhum Estado e nenhum governo constitucional está a salvo das ações ilegais que não reconhecem o direito internacional.”

A aeronave de Maduro foi apreendida pelos EUA na República Dominicana e transferida para a Flórida. As autoridades norte-americanas alegaram violações às sanções americanas. “O Departamento de Justiça apreendeu uma aeronave que foi adquirida ilegalmente por US\$ 13 milhões (ou R\$ 73 milhões na cotação atual) por meio de uma empresa de fachada e foi contrabandeada para fora dos Estados Unidos para ser usada por Nicolás Maduro e seus comparsas”, disse o procurador-geral Merrick Garland.

O portal de rastreamento de aeronaves Flight Radar 24 mostrou que o avião, um jato particular Dassault Falcon 900EX, voou de Santo Domingo para Fort Lauderdale na manhã de ontem. Os Estados Unidos afirmam que, no fim de 2022 e início de 2023, indivíduos vinculados a Maduro teriam usado uma empresa fantasma com sede no Caribe para ocultar sua participação na compra ilegal do avião.

O chanceler dominicano, Roberto Álvarez, disse mais tarde que o Dassault Falcon 900EX estava em Santo Domingo para manutenção quando as autoridades receberam uma ordem judicial para “imobilizar a aeronave em questão”.

HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Netanyahu pede perdão por morte de reféns do Hamas

A multidão saiu às ruas de Tel Aviv e de Jerusalém com cartazes e fotos dos reféns em poder do grupo terrorista Hamas. Alguns dos israelenses tinham as mãos cobertas com tinta vermelha, uma alusão ao sangue derramado dos sequestrados. O maior protesto desde as manifestações contra a reforma judicial proposta por Benjamin Netanyahu teve o premiê, mais uma vez, como alvo. Enquanto alguns dos seis reféns encontrados mortos em túneis da Faixa de Gaza eram sepultados e Israel enfrentava uma greve nacional, o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pedia perdão e prometia fazer o Hamas pagar um “preço muito alto”. “Peço perdão por não tê-los trazido vivos. Estivemos perto, mas não conseguimos”, declarou o premiê em rara coletiva de imprensa.

“Estes assassinos executaram seis de nossos reféns disparando-lhes um tiro na nuca”, acrescentou o chefe de governo, ao rejeitar a ideia de oferecer “concessões” às negociações por um cessar-fogo em Gaza. “Nós dizemos ‘sim’ (ao acordo de cessar-fogo), eles dizem ‘não’ a todo momento, mas eles também assassinaram estas pessoas e agora precisamos exercer pressão máxima sobre o Hamas, que precisa fazer concessões”, reiterou.

As cobranças sobre Netanyahu para firmar um acordo para a libertação dos capturados aumentaram nas últimas horas, tanto interna quanto externamente. A confederação sindical Histadrut convocou a paralisação, em ato de protesto contra a morte dos

» Londres suspende envio de armas

O governo trabalhista britânico anunciou que suspenderá 30 das 350 licenças de exportação de armas para Israel. O ministro das Relações Exteriores britânico, David Lammy, informou ao Parlamento que “em certas exportações de armas para Israel, há um risco claro de que sejam usadas para cometer ou facilitar uma violação grave do direito humanitário internacional” em Gaza. Lammy explicou que a proibição parcial afetará itens “que poderiam ser utilizados no atual conflito em Gaza”, incluindo aviões de combate, helicópteros e drones. O ministro da Defesa israelense, Yoav Gallant, reagiu rapidamente e afirmou pela rede X que está “profundamente decepcionado” com a decisão.

reféns. No entanto, não houve adesão unânime. Tel Aviv e Haifa participaram da mobilização, enquanto Jerusalém e Ashkelon se omitiram. O ministro ultradireitista das Finanças, Bezalel Smotrich, solicitou e um tribunal do trabalho ordenou o fim da greve, sob a alegação de ser “política”. O movimento afetou parcialmente o transporte público, administrado por empresas privadas.

Depois de reunião com negociadores norte-americanos que atuam no conflito entre Israel e Hamas, na Casa Branca, um jornalista perguntou ao presidente Joe Biden se o governante israelense tem feito o bastante para viabilizar um acordo com o Hamas. A resposta foi monossilábica e rápida: “Não”. O democrata também defendeu a responsabilização do grupo terrorista pelas execuções dos seis reféns. “O presidente Biden está devastado e ofendido por este crime, e reafirmou a importância de que os dirigentes do Hamas sejam responsabilizados por ele”, afirmou um comunicado da Presidência dos Estados Unidos.

“A greve de hoje (ontem) foi muito impressionante, e as pessoas têm exigido a renúncia de Netanyahu. Não está claro se a pressão será o bastante para desmantelar seu governo”, explicou ao **Correio** Eytan Gilboa, professor de relações internacionais da Universidade de Bar-Ilan (em Ramat Gan, Tel Aviv). De acordo com ele, Netanyahu fracassou em impedir o massacre de 7 de outubro, e nos combates com o Hamas e com o Hezbollah, no Líbano. “O premiê tem que partir. Há cada vez mais pressão sobre ele para convocar novas eleições”, acrescentou.

Gilboa disse que os familiares dos reféns em poder do Hamas não mais confiam em Netanyahu. “Depois da execução dos sequestrados pelos terroristas bárbaros do Hamas, eles acham que a estratégia

Ohad Zwigenber



Peço perdão por não tê-los trazido vivos. Estivemos perto, mas não conseguimos”

Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel

de aplicar pressão militar máxima sobre Yahya Sinwar (líder do Hamas) não funciona e tem de ser substituída pela diplomacia e por um acordo”, explicou.

Ainda segundo o professor da Universidade de Bar-Ilan, Netanyahu está sob pressão das famílias dos reféns e daqueles que se opõem ao governo, mas também de Biden. “Ele também está sob pressão de membros extremistas de sua coalizão para fazer exatamente o oposto, e precisa manter a aliança para sobreviver politicamente”, disse Gilboa. “Este é um jogo muito difícil de equilibrar e se Biden aplicasse uma pressão mais forte sobre ele, nós, israelenses, teríamos de obedecer.” (RC)